

**Bem-aventurados os que podem impunemente praticar o mal:
“A causa secreta”, de Machado de Assis**

***Blessed are those who can do evil without being punished:
“A causa secreta” by Machado de Assis***

André Luis Rodrigues

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

andreluisrod@hotmail.com

Resumo: O artigo dedica-se à leitura do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, buscando discernir alguns dos “níveis de realidade” (Italo Calvino) presentes na narrativa. A crueldade, a agressividade e a maldade são, por assim dizer, decantadas pelo escritor na figura de Fortunato, que pode exercê-las sob o disfarce do altruísmo e, dada a sua condição social, sem qualquer receio de castigo ou sanção, mas também se deixam entrever, modificadas para além de qualquer reconhecimento imediato e com consequências muito diversas, em vários aspectos da vida e das ações humanas formalizadas no conto. É assim que podem ser divisadas, com base no conceito freudiano de “pulsão de morte”, na origem da curiosidade de Garcia, que é também compartilhada pelos leitores, ou na própria criação e fruição estética, em que estão envolvidos escritor e leitor.

Palavras-chave: conto; crueldade; A causa secreta; Machado de Assis.

Abstract: This article aims at reading ‘A causa secreta’, by Machado de Assis, pursuing the apprehension of some ‘levels of reality’ (Italo Calvino) that can be found in the story. Cruelty, aggressiveness and evil are ‘decanted’ by the writer in Fortunato’s character, who can be cruel and wicked under the disguise of altruism and, due to his social position, unworried about punishment. However, they can also be seen, changed beyond recognition and with different consequences, in several aspects of life and human acts formalized by the writer in the narrative. Based on Freud’s concept of the death

instinct, they can also be seen in the origin of Garcia's curiosity and in the aesthetical creation and enjoyment, with which writer and reader are involved.

Keywords: short story; cruelty; A causa secreta; Machado de Assis.

Recebido em: 28 de novembro de 2016.

Aprovado em: 18 de maio de 2017.

“A causa secreta”, de Machado de Assis,¹ é um de seus contos mais conhecidos e marcantes. Não são muitas as passagens em sua obra que provocam tão grande impressão e impacto como a cena da tortura do ratinho pelo sádico Fortunato. Talvez, exatamente por conta disso, podemos não dar a devida atenção ao modo como a narrativa é tecida, tendo em vista o aguçamento de nossa curiosidade em relação a esse personagem, exatamente como se dá com Garcia, curiosidade que também não deixa de ser sádica em alguma medida.

O conto é narrado em terceira pessoa, mas quase sempre do ponto de vista de Garcia, que juntamente com Fortunato e sua mulher, Maria Luísa, constituem os três protagonistas da história. A narrativa começa *in medias res*. No primeiro parágrafo, os três personagens aparecem calados, constrangidos e imersos em seus pensamentos, relativamente dispersos pela sala da casa onde morava o casal Fortunato:

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, – de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.²

¹ O conto pertence ao livro *Várias histórias*, de 1896. Todos os contos enfeixados nesse volume teriam sido publicados na *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, entre 1884 e 1891. Trata-se do terceiro livro de contos da chamada fase madura do escritor, depois de *Papéis avulsos* (1882) e *Histórias sem data* (1884).

² ASSIS. *Várias histórias*, p. 67.

Destaquem-se aqui a concisão peculiar ao gênero “conto” e o estilo próprio de Machado de Assis. Não é só o fato de que em poucas frases muito já é dito sobre os personagens da história e a situação que vivenciam. É também a aparente miudeza ou insignificância do que é observado, e que, na verdade, é altamente significativo. Trata-se do que Eugênio Gomes denominou o “microrrealismo de Machado de Assis”: a notação do pormenor que se mostra muito revelador de determinado estado de espírito.³ É assim que o estalar das unhas de Garcia indicia desconforto, inquietude ou nervosismo.

Mas se muito é dito, muito é também deixado em suspense: o que teria ocorrido entre essas três figuras de tão terrível que só depois da morte deles podia ser contado “sem rebuscos”, isto é, sem véus, sem disfarces ou dissimulações? É claro que a alusão ao fato de terem morrido é, ao mesmo tempo, recurso empregado com vistas a dar maior verossimilhança à narração.

A afirmação, ao final do segundo parágrafo, de que o acontecimento, “cousa tão feia e grave”, só poderia ser compreendido a partir de sua origem é o mote para o *flashback* que vai ocupar praticamente oito das cerca de dez páginas pelas quais, na edição aqui utilizada, o conto se estende. O início desse retrospecto situa temporalmente a narrativa: a reunião na sala teria acontecido em 1862. Em 1861 Garcia teria se formado em Medicina e no ano anterior, 1860, havia deparado com Fortunato pela primeira vez à porta da Santa Casa. Depois da localização temporal, temos as menções ao espaço onde se dão as ações. Do casal Fortunato já sabemos que residia no Catumbi; de Garcia, vemos agora que morava na rua D. Manuel. Tudo se passa, assim, como é tão frequente em Machado, no Rio de Janeiro.

Perto dessa rua ficava um teatro, e é nele que se teria dado o segundo encontro. A presença de Fortunato na plateia é mostrada como inesperada, já que poucas pessoas ali apareciam por conta da distância de outros pontos da cidade. Ainda mais surpreendente seria a grande atenção e interesse com que ele acompanhava “um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos”, especialmente nos “lances dolorosos”. Terminado o drama, começa uma farsa, mas Fortunato, parecendo desinteressado, se retira. Ele é seguido de perto por Garcia,

³ GOMES. O microrrealismo de Machado de Assis.

que o vê caminhar por diversas ruas, “parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia”, até tomar um tálburi.

Vai-se, assim, configurando um personagem que é um tanto enigmático. Mas Garcia também parece invulgar em sua excessiva curiosidade sobre o outro, que o faz acompanhá-lo durante um bom tempo, sem ser notado. Igualmente curiosos, é como se nos puséssemos a correr atrás de Garcia, que segue ao encalço de Fortunato.

O encontro seguinte, que parecia ser capaz de esclarecer a personalidade desse sujeito estranho, tende a baralhar ainda mais as coisas. Fortunato havia conduzido até o prédio onde morava Garcia um morador ensanguentado, que tinha sido ferido a faca num ataque de um bando de capoeiras, e tomado todas as providências necessárias, chegando mesmo a pagar do próprio bolso àqueles que haviam carregado o homem. Depois, pede a Garcia, que lhe dissera ser estudante de medicina, que fique com ele até a chegada do médico. Quando isso ocorre, desdobra-se para ajudar médico e estudante, que providenciam o curativo, mas é “friamente” que olha para o ferido.

Nesse momento da narrativa, Fortunato, que teria 40 anos, é descrito em detalhes, especialmente quanto à fisionomia, mas o que impressiona mesmo é a descrição de seus olhos: “Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria.”⁴

O singular contraste entre a abnegação e a frieza parece aguçar ainda mais a curiosidade de Garcia. O mais espantoso, contudo, é a recepção ao empregado do arsenal de guerra quando, depois de seu restabelecimento, procura o benfeitor desconhecido para demonstrar toda a sua gratidão, não apenas por ter tido a vida salva por ele, como por ter ele agido com tamanha abnegação e desprendimento. Fortunato o recebe sem sequer disfarçar a impaciência e o enfado, o que é dito com todas as letras pelo narrador, mas também, novamente, sugerido por meio de uma notação mínima e muito significativa: “deu-lhe uma resposta enfasiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho”.⁵

A reação do beneficiado, depois de sentir que, diante da recepção, não tinha mais o que fazer naquela casa, merece também destaque. Chamado agora de “pobre-diabo”, sai da casa de Fortunato “mastigando a custo o desdém”, e de “graça” concedida, isto é, dádiva que passaria a morar no coração, o benefício torna-se um “desgraçado”, expulso dali pelo

⁴ ASSIS. *Várias histórias*, p. 69.

⁵ ASSIS. *Várias histórias*, p. 70.

ressentimento, e vai alojar-se na cabeça, “como uma simples ideia”. E é assim que o próprio benfeitor, que ainda o despede com uma advertência que é, na verdade, um gracejo – “Cuidado com os capoeiras!” –, insinua a ingratidão ao beneficiário.

Tendemos talvez, como o próprio Garcia, a pensar que se trata de um benemérito, mas totalmente avesso à publicidade de suas boas ações. Alguém que procurasse ocultar o altruísmo sob uma camada de *secura e rispidez*. A impressão de que isso não combinaria muito com as *bengaladas nos cães* poderia, ao contrário, sugerir um personagem que seria, além de verossímil, bastante complexo.

Garcia fica tão interessado em conhecer melhor esse sujeito realmente excêntrico que chega a pensar em visitá-lo, mas, não tendo sido convidado e não encontrando pretexto para a visita, desiste da ideia. Contudo, depois de formado e de ter-se mudado para a rua de Mata-Cavalos, acaba tendo alguns encontros casuais com Fortunato, o que vai levar à familiaridade e ao convite que este faz para jantar em sua casa, depois de declarar que agora estava casado. Maria Luísa, que já conhecemos, era muito mais nova que o marido – 25 anos que aparentavam 19, e tinha os dois “feitiços” da pessoa e dos modos. Além dos “olhos meigos e submissos” da mulher, Garcia nota que o seu caráter destoava do caráter de Fortunato, e que ela tinha “uns modos que transcendiam o respeito [ao marido] e confinavam na resignação e no temor”.⁶

As visitas começam a amiudar, e, um dia, Garcia se lembra de contar a Maria Luísa a bela ação praticada por Fortunato no episódio do ferido pelos capoeiras. A mulher fica encantada com o que parecia ser uma surpreendente revelação, o que é comentado pelo narrador de uma maneira que nos parece ainda mais pungente quando pensamos que se tratava da esposa relativamente ao marido: “como se acabasse de descobrir-lhe o coração”. Fortunato, incomodado, responde com a história da visita do homem que havia salvo, sem deixar de zombar do desconcerto em que o havia deixado. Desejoso de reparar o desconsolo de Maria Luísa, Garcia insiste na dedicação e no talento de Fortunato como enfermeiro, e o faz com uma brincadeira que o outro toma a sério: “tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo”.⁷

⁶ ASSIS. *Várias histórias*, p. 72.

⁷ ASSIS. *Várias histórias*, p.72-73.

A negativa de Garcia dada naquele dia vai se repetir, mas o médico acaba convencido, e a clínica é então aberta. A dedicação de Fortunato aos pacientes não terá limites, sobretudo nos casos mais difíceis e mais graves, nas moléstias mais aflitivas ou repelentes. E diante de tamanho desprendimento e abnegação, misturavam-se o espanto e a admiração de todos: “Toda a gente pasmava e aplaudia.”

O convívio com o casal se torna mais constante e Garcia acaba se apaixonando pela mulher de Fortunato, o que instaura o triângulo amoroso, que já estava sugerido desde o início do conto, ainda que Garcia nada declare, e Maria Luísa, que tudo percebe, não se dê “por achada”. Fortunato dedica-se incansavelmente ao trabalho na casa de saúde, tal como antes se dedicara ao ferido vizinho de Garcia. Mas começa também a fazer experiências de vivisseção na clínica e depois em casa (a “rasgar e envenenar gatos e cães”, nas cruas palavras do narrador), e a mulher, com os nervos à flor da pele, pede a intervenção de Garcia.

Fortunato interrompe, então, os experimentos, mas pouco depois vai ter lugar o episódio que é o ápice do conto e que teria desencadeado a situação mostrada no início da narrativa. Trata-se de uma das passagens mais aterradoras da obra machadiana e de toda a literatura brasileira. A despeito de ser relativamente longa, não há como não citá-la integralmente:

Dous dias depois, – exatamente o dia em que os vemos agora, – Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

– Que é? perguntou-lhe.

– O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se. Garcia lembrou-se que, na véspera, ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para

não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

– Mate-o logo! disse-lhe.

– Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

– Castiga sem raiva, pensou o médico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem.

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem

lhe dar crédito. Relembra os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo *sui generis*, uma redução de Calígula.⁸

Essa última expressão – “redução de Calígula” – parece corresponder muito bem ao que Alcides Villaça chama “tradução”, o procedimento pelo qual Machado transpõe elementos da mais alta tradição universal para o contexto rebaixado do Rio de Janeiro de seu próprio tempo:

Creio que em “A cartomante”, como num sem-número de outros lugares, o narrador machadiano instala-se nesse ângulo tão peculiar de “tradutor”: um tradutor das tradições que constituem seu repertório de cultura, que vem da Bíblia e de Homero, da antiguidade clássica e dos teólogos medievais, que passa por Dante, Maquiavel, Montaigne, Cervantes, Shakespeare, Pascal, pelos enciclopedistas, por Schopenhauer, pela literatura brasileira – e acaba caindo no colo da dama fluminense ou num chapéu elegante da rua do Ouvidor. Essa “queda” – na verdade o já reconhecido salto crítico do Machado particularizante e universalmente nacional – é a marca de fogo de sua fase madura, quando a ironia se torna princípio e a “tradução” uma rica possibilidade de composição.⁹

O fato dessa tradução de caráter paródico ocorrer em um conto como “A cartomante” ou “A causa secreta” mostra como esse procedimento não está necessariamente vinculado ao humor, podendo mesmo estar ligado ao trágico ou ao drama.

Mas talvez também seja possível interpretar a expressão “redução de Calígula” num outro sentido. Terceiro imperador romano, do ano 37 ao ano 41 da era cristã, Calígula é conhecido, sobretudo, por sua crueldade e perversidade, pela vida escandalosa e extravagante, com relatos de assassinatos, relações incestuosas e prostituição das próprias irmãs. Contudo, não é necessário conhecer bem a sua biografia para supor que, ainda que tudo isso resultasse de traços de seu caráter ou de sua loucura, o exercício dessa crueldade e perversidade devia estar intimamente

⁸ ASSIS. *Várias histórias*, p. 74-75.

⁹ VILLAÇA. Machado de Assis, tradutor de si mesmo, p. 10.

ligado ao fato de tratar-se do homem mais poderoso de seu tempo, o chefe supremo do império romano. Assim, por mais que Calígula possa ser visto como paradigma da crueldade, cabe ao menos conjecturar que as suas ações mais cruéis, ainda aquelas inteiramente gratuitas, deviam estar vinculadas, de algum modo, à posição que ocupava.

No caso de Fortunato, parece que Machado de Assis pretendeu eliminar – num primeiro momento – todas as possíveis motivações dos atos cruéis por ele praticados, para deixar apenas a crueldade, por assim dizer, em estado puro. Desse modo, a perda de um importante papel, a perda de tempo, a raiva – as possíveis razões para tão desmedida crueldade contra o ratinho que ele tortura de maneira abominável – são descartadas uma a uma, para só restar o prazer de fazer o outro sofrer, o gozo obtido ao infligir o sofrimento, prazer que é, então, aproximado do deleite estético.

Após a retomada do fio da narrativa, que havia sido interrompido pouco depois do início do conto, os acontecimentos se desenrolam num andamento acelerado. Em menos de dez parágrafos, acompanhamos a morte de Maria Luísa, após ter contraído a tísica, essa “velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos” – definição ao mesmo tempo precisa e arrepiante, que deixa entrever como a crueldade não é apanágio do ser humano –, e os momentos em que os dois amigos ficam sozinhos a velar o corpo, depois de uma parenta ter ido repousar:

– Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que

não é menos cativa ao ressentimento. Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.¹⁰

Nessa última frase, tão extraordinária como todo o trecho final, Machado faz com que a expressão mimetize o prolongamento da fruição do prazer por Fortunato, advindo da contemplação da dor aguda e do desespero de Garcia, materializados nas lágrimas e soluços que “rebentam” depois de ter buscado contê-los durante algum tempo em presença do marido de Maria Luísa. Tudo isso é obtido com poucos recursos: a repetição do adjetivo *longa* por duas vezes, acompanhado do advérbio intensificador *muito*, e depois por *deliciosamente*, em que a forma em *-mente* alonga o advérbio originado a partir do adjetivo *delicioso*, já de si extenso e tão expressivo. A impressão de duração é ainda reforçada pela sonoridade da sequência de nasais.

O deixar-se levar por esse deleite prolongado é tão mais notável por se sobrepôr inteiramente ao sentimento da vaidade ferida pela suposição de que poderia ter sido traído pela mulher com o amigo. É também a reiteração da dominância desse traço de seu caráter, que já havia sido sugerida quando do agravamento da doença de Maria Luísa: “Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição.”¹¹ Antes mesmo disso, o narrador já havia se referido aos esforços de Fortunato para combater a doença, depois de afirmar que ele “amava deveras a mulher”, ainda que “a seu modo”. Se não houvesse algum tipo de afeto, o personagem não seria tão complexo, e nem se mostraria tão poderosa a força com que a crueldade o toma e sujeita todos os outros sentimentos. É assim que ele aproveita cada segundo da consumpção de Maria Luísa, para beber “uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada

¹⁰ ASSIS. *Várias histórias*, p. 77.

¹¹ ASSIS. *Várias histórias*, p. 76.

de febre e minada de morte”.¹² Ainda que isso não seja explicitado, não há como não supor que a doença da mulher poderia ter sido desencadeada ou, pelo menos, agravada não apenas pelos experimentos do marido, que afetavam os seus nervos, como também pela sua presença opressiva e talvez pelo pressentimento do prazer com que ele espreitava a sua dor.

Resta, assim, finalmente descoberto o “segredo” de Fortunato, com a constatação de que se trata de um homem cruel, um homem que sente grande prazer no sofrimento alheio ou talvez só sinta prazer nesse sofrimento. Se havia quem se beneficiasse de sua dedicação aos doentes, isso seria apenas uma espécie de efeito colateral de seu sadismo, o que não deixa de sugerir o intrincado da vida e das relações entre os homens. Mas é preciso notar que essa descoberta, do ponto de vista do enredo, é atribuída apenas ao amigo, Garcia. A grande ironia é que, para todas as outras pessoas que o conheciam, ele continuava a ser um sujeito abnegado e altruísta, sempre pronto a ajudar os feridos e os doentes, ainda que pudesse ser um tanto frio e ríspido.

Ora, se até mesmo o altruísmo pode, devidamente analisado, revelar-se pura crueldade, o leitor é talvez levado a indagar em que medida boa parte das ações humanas não poderiam, em última instância, ter a crueldade e a perversidade como a principal motivação, isto é, se não seria a crueldade um traço essencial e indelével do homem, e muitas vezes voltada contra aqueles de sua própria espécie¹³. Se for isso mesmo o que sugere a narrativa, e se pensarmos em outras passagens da obra machadiana, como o famoso delírio de Brás Cubas¹⁴, será possível talvez

¹² ASSIS. *Várias histórias*, p. 76.

¹³ Como sugere Bataille: “Pode ser que o sadismo seja uma excrecência nossa, que outrora pode ter tido uma significação humana que se perdeu e que facilmente se aniquila [...]. Pode ser que se deva fazer com o sadismo o que o cirurgião faz ao apêndice, o parteiro à criança, ou o povo aos reis. Ou tratar-se-á, pelo contrário, duma parte soberana e irreduzível do homem, *mas que se furta à nossa consciência?* Numa palavra, tratar-se-á do nosso próprio cerne, ou seja, de sentimentos movimentados, do próprio princípio íntimo que a palavra cerne designa?” (BATAILLE. *O erotismo*, p. 163).

¹⁴ “Isto dizendo, [Natureza ou Pandora] arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, através de um nevoeiro, uma cousa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das cousas. Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo.” (ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 37).

concluir que o pensamento de Machado não estaria muito longe daquele que Freud viria a exprimir em *O mal-estar na civilização*:

[...] o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas [...] ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* [...] ¹⁵

Havendo, por assim dizer, decantado a crueldade desse personagem tão notável como assustador, o que Machado parece propositalmente ter ocultado ou deixado nas sombras é a questão do *poder*, no sentido próprio do termo. Fortunato – e aqui podemos aludir ao sentido do nome, que não seria irônico, mas, ao contrário, perfeitamente adequado – é o homem *afortunado*, que pode exercer praticamente sem peias a sua crueldade, o seu sadismo sobre um indefeso rato, sobre a própria mulher ou sobre os seus semelhantes. Trata-se de um capitalista, com casas de aluguel (a ideia da clínica ganha concretude quando se lembra de que uma casa “vai vagar”), e com dinheiro suficiente para investir da noite para o dia num novo negócio.

Pode-se aqui lembrar a emenda proposta por Procópio, o narrador-protagonista de o “Enfermeiro”, conto também incluído em *Várias histórias*, ao famoso e “divino sermão da montanha”: “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”.¹⁶ Trata-se da última frase da narrativa e seria supostamente o epitáfio que desejava para o seu túmulo. No caso de Fortunato, talvez não seja despropositado acrescentar outra emenda: Bem-aventurados os que detêm o poder de praticar o mal sem receio de castigo, porque os seus desejos serão sempre saciados.

¹⁵ FREUD. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*, p. 76-77.

¹⁶ ASSIS. *Várias histórias*, p. 103.

Contudo, se esta leitura do conto terminasse aqui, apenas um dos “níveis de realidade” da narrativa¹⁷ teria sido abordado. Se esse modo de leitura da obra literária é válido para toda a literatura, parece ainda mais enriquecedor no caso de grandes escritores como Machado.

Para se perscrutarem outros níveis, talvez seja o caso de deslocar o foco de Fortunato para Garcia. Como foi visto, este fica, a partir do terceiro encontro, “picado de curiosidade” para conhecer melhor aquele homem excêntrico. Qual poderia ser a causa da atração? Não seria talvez a própria crueldade que ele entrevia em Fortunato?¹⁸ Seja como for, a curiosidade que o toma é atribuída pelo narrador a um aspecto de seu caráter assim descrito: “Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo.”¹⁹

Até porque, ao contrário de Fortunato, Garcia não é em nenhum momento descrito fisicamente, não havendo mesmo a menor menção à sua aparência ou a alguma característica física para além da alusão às suas unhas no início do conto, essa descrição de um traço de caráter ganha maior destaque.

Com todo o cuidado para não associar diretamente a análise do temperamento ou da índole de um homem à análise de um organismo, isto é, à autópsia, se está morto, ou à vivisseção, se ainda vive, não há como não notar o emprego do vocabulário típico dessas duas operações para aludir àquela outra: *decompor, análise, penetrar, camadas, apalpar, organismo*. O “regalo supremo”, obtido por Garcia nesse processo ou nessa *operação*, encontra uma correspondência quase direta na “delícia íntima das sensações supremas” de Fortunato.

A diferença fundamental é que essa curiosidade e o anseio por chegar à camada mais profunda do caráter do amigo não resultarão em qualquer dano para Fortunato. Ao contrário disso, o médico mesmo é que vai sair ferido. Ainda assim, não há como ver que esses aspectos de sua personalidade estão de alguma maneira ligados à crueldade ou à maldade.

¹⁷ CALVINO. Les niveaux de la réalité em littérature.

¹⁸ “[...] não há forma de repugnância em que não exista uma afinidade qualquer com o desejo. Não que o horror se confunda com a atração, mas, se não a pode inibir, destruir, a verdade é que o *horror reforça a atração*. // O perigo paralisa mas, se for um pouco menos forte, pode excitar o desejo.” (BATAILLE. *O erotismo*, p. 237).

¹⁹ ASSIS. *Várias histórias*, p. 70.

Talvez seja possível dizer que, do mesmo modo como o pensamento de Freud deixaria entrever as várias facetas da agressividade, ou mais precisamente daquilo que chamou “pulsão de morte”, Machado parece sugerir que os modos com que a crueldade se manifesta são os mais diversos, e os deslocamentos muitas vezes são tão grandes a ponto de se tornar irreconhecível o fato de que determinadas ações têm origem nessa característica inegavelmente humana.

Nesse sentido, não seria casual a associação do gozo que Fortunato sente ao torturar o animal à experiência estética. Como também é possível apreender, nos estudos de Freud, que a pulsão de morte está intimamente vinculada à criação e à fruição do belo²⁰. Mas, ao contrário desses possíveis deslocamentos, o caso de Fortunato seria daqueles em que a agressividade não é transferida para outro alvo, mas dirigida diretamente contra outro ser, em forma de agressão, tortura e morte.

A crueldade poderia ser também vislumbrada na origem da composição da própria narrativa. É também por assemelhar-se a ele que o narrador machadiano se coloca o tempo todo na perspectiva de Garcia. Como o personagem, o escritor possui, e em gradação muito maior, essa faculdade de decifração dos homens ou, talvez não seja exagerado ou absurdo dizer, essa capacidade de realizar a “vivassecção moral” do ser humano. À medida que acompanhamos esse “experimento”, igualmente “picados de curiosidade”, nós, leitores, também dele participamos e com

²⁰ Como observa Garcia-Roza: “Freud nos diz que a cultura está a serviço de Eros, que quer reunir os indivíduos em totalidades cada vez mais abrangentes, até a constituição de uma grande totalidade que é a humanidade. Da singularidade individual à totalidade da humanidade, teríamos uma crescente indiferenciação. Ora, se entendermos o desejo como pura diferença, o projeto de Eros seria o da eliminação da diferença e, portanto, do desejo, numa indiferenciação final que é a humanidade. A pulsão de morte, enquanto potência destrutiva (e princípio disjuntivo) é o que impede a repetição do mesmo, isto é, a permanência de totalidades, provocando pela disjunção a emergência de novas formas. Ela é, portanto, criadora e não conservadora, posto que impõe novos começos ao invés de reproduzir o ‘mesmo’.” (GARCIA-ROZA, *O mal radical em Freud*, p. 136-137). Ainda segundo Garcia-Roza, a “vontade de destruição” lacanianiana não deveria ser interpretada de modo diverso: “A *vontade de destruição* de que nos fala Lacan, também não deve ser confundida com destruição absoluta ou com negação absoluta. [...] A *vontade de destruição* que caracteriza a pulsão de morte é o que põe em causa tudo o que existe, o que impede a cristalização das formas constituídas, o que possibilita novos começos. *Vontade de destruição* é aqui *vontade de criação*. Se pulsão de morte é negatividade, ela é a positividade da negatividade.” (GARCIA-ROZA, *O mal radical em Freud*, p. 158).

ele nos deleitamos. Contudo, se é possível associar esse traço ao próprio Machado, seria ele ainda mais adequado para caracterizar alguns de seus contemporâneos, os escritores naturalistas, que se punham, de maneira supostamente distanciada, objetiva e isenta, a analisar ou a dissecar os homens ou, especialmente, as suas paixões, os seus instintos, vícios, fraquezas e taras.²¹

Assim, é possível refletir sobre a crueldade humana em diversos níveis de realidade presentes na narrativa. Em primeiro lugar, evidencia-se a crueldade desse personagem específico, que se pode ver talvez como intensificada até o patológico. Depois, pode-se entrever a crueldade humana dos que se dedicam a torturar animais, ainda que muitas vezes com o pretexto dos benefícios trazidos para a humanidade, no caso dos que até hoje, na esteira do fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878), talvez o maior praticante e defensor da vivissecção de animais no século XIX, estão envolvidos nesses terríveis experimentos. E, finalmente, cabe interpretar as alusões de que a crueldade é indissociável da natureza em geral e da espécie humana em particular, e, nesse caso, muitas vezes disfarçada, ou também tão modificada ou deslocada que se torna inócua, quando não acaba se voltando contra o próprio sujeito, sem causar prejuízo a outrem, mas que também pode assumir sua face mais terrível, vista ou entrevista ao longo de toda a história humana, na violência exercida sobre o outro, nos maus-tratos, na tortura, nos assassinatos, nos massacres e genocídios de populações inteiras.

Mas não haveria entre esses níveis um que apontasse para a crueldade inerente a determinada classe social no Brasil da segunda metade do século XIX? Se assim for, não há como não considerar que, por ausência relativa ou por discreta presença (o preto pertencente ao empregado do arsenal de guerra; os capoeiras, praticantes dessa arte marcial cuja origem remonta à resistência dos negros africanos à violência e à opressão do cativo), Machado estaria também sugerindo no conto a violência, os suplícios, a tortura e a morte dos escravos pelos seus proprietários. Quantos deles teriam sofrido não tanto por uma tentativa de fuga da condição insuportável, por um trabalho interrompido quando não tinham mais forças para prosseguir, ou por qualquer motivo banal,

²¹ Lembre-se aqui a conhecida afirmação de Zola no prefácio à segunda edição de *Thérèse Raquin*: “Eu simplesmente fiz com dois seres vivos o trabalho que os cirurgiões fazem com cadáveres.” (ZOLA. *Thérèse Raquin*, p. 10).

mas por pura e simples crueldade e perversidade de seus proprietários, dos que tinham então o “poder” de dispor desses infelizes como bem o quisessem? Quantos desses homens cruéis, ao contrário dos personagens de “A causa secreta”, ainda estavam vivos quando o conto foi publicado e talvez tenham lido essa história no jornal sem a menor desconfiança de que, de algum modo, estavam representados na figura de Fortunato? Como o conto foi publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1885, três anos antes da Abolição, quantos desses verdadeiros carrascos ainda podiam exercer impunemente a sua crueldade e, ainda muito depois disso, continuariam a exercê-la sem qualquer sanção?

Se o escritor não pode muito, pode ao menos, ainda que de modo velado, apontar para as causas secretas das ações dos homens, sobretudo dos mais poderosos, e registrar que não se deixou enganar pela consolação que a religião intenta oferecer aos que sofrem e choram.

Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 3. ed. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Antígona, 1988.

CALVINO, Italo. Les niveaux de la réalité em littérature. In: _____. *La machine littérature*. Trad. Michel Orcel; François Wahl. Paris: Éditions du Seuil, 1984. p. 85-100.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GOMES, Eugênio. O microrrealismo de Machado de Assis. In: _____. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1958. p. 52-62.

VILLAÇA, Alcides. Machado de Assis, tradutor de si mesmo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 51, p. 3-14, jul. 1998.

ZOLA, Émile. *Thérèse Raquin*. 2. ed. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.